



Instituto de Relações Internacionais
Universidade de São Paulo

A interdisciplinaridade no ensino de Relações Internacionais

PAE-1 Vídeo de 17 de março de 2020

Deisy Ventura

Bibliografia recomendada

- 1) VENTURA, Deisy; LINS, Maria Antonieta. Educação superior e complexidade: integração entre disciplinas no campo das relações internacionais. Cad. Pesqui. 2014, vol.44, n.151, pp. 104-131
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742014000100006&script=sci_arttext
- 2) BOURDIEU, Pierre. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004
https://cienciastecnologiassociedades.files.wordpress.com/2011/10/pierre_bourdieu_-_os_usos_sociais_da_cic3aancia.pdf
- 3) MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita - Repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2000
<http://www.uesb.br/labtece/artigos/A%20Cabe%C3%A7a%20Bem-feita.pdf>
- 4) VENTURA, Deisy; DRI, Clarissa. O papel do teatro na formação em Relações Internacionais: experiências no campo dos Direitos Humanos. Carta Internacional (USP), v. 9, n.2, p. 137-155, 2015.
<http://cartainternacional.abri.org.br/index.php/Carta/article/view/168>
- 5) SANCHEZ-BADIN, Michelle Ratton; BRITO, Adriane; VENTURA, Deisy (orgs.). Direito global e suas alternativas metodológicas: primeiros passos. São Paulo: FGV, 2016.
<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/17697>



PARTE 4

**TÉCNICAS, MÉTODOS E ABORDAGENS
DE PESQUISA EM DIREITO INTERNACIONAL**

- 16. RELAÇÕES INTERNACIONAIS E DIREITO INTERNACIONAL:
OBSERVAÇÕES BREVES SOBRE CONVERGÊNCIAS POSSÍVEIS** 303
Maria Hermínia Tavares de Almeida
- 17. A DIMENSÃO DO PODER NO DEBATE INTERDISCIPLINAR DI-RI:
UMA POSSÍVEL CONTRIBUIÇÃO DA ACADEMIA BRASILEIRA** 311
Igor Abdalla Medina de Souza
- 18. DIREITO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS:
REAÇÕES À LEITURA DE IGOR ABDALLA MEDINA DE SOUZA** 331
Michelle Rattón Sanchez Badin
- 19. TRANSDISCIPLINARIDADE, DIREITO INTERNACIONAL
E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: NOTAS PARA UM DEBATE** 339
João Pontes Nogueira e Ana Paula Pellegrino
- 20. A POSTURA DA TRANSDISCIPLINARIDADE:
ENTRE O DIREITO INTERNACIONAL E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS** 349
Marcelo de Almeida Medeiros
- 21. A INTERLOCUÇÃO ENTRE O DIREITO INTERNACIONAL
E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: APONTAMENTOS TEÓRICOS,
PRÁTICOS E ALGUMAS PROPOSTAS PARA A ACADEMIA BRASILEIRA** 357
Fábio Costa Morosini



Liniers, Folha de S. Paulo, 16/7/10

INTEGRAÇÃO ENTRE DISCIPLINAS: IDEIA CENTRAL

0% *romantismo* ou *idealismo*

Surge
porque tem
problemas
concretos a
resolver

Imperativo de reduzir
gargalos no
desenvolvimento
tecnológico

Programas industriais
no **início do século XX**
recrutam pessoas
com formações e
profissões diferentes

Origem (Dominique Pestre, historiador das ciências)

Nos anos 1860-1900



- generalização dos laboratórios de pesquisa nas universidades (ensino e pesquisa)
- surgem laboratórios de pesquisa “fundamental” na indústria (química, eletrotecnologia, telegrafia submarina etc.), em cooperação com universitários
- criam-se institutos de padronização e testes

Nos anos 1900 a 1940



- laboratórios industriais se generalizam em todos os setores da produção
- a interdisciplinaridade aparece como ferramenta de pesquisa

Na indústria, programas atestam a **fecundidade** da interdisciplinaridade (recebida com frieza nos meios universitários)

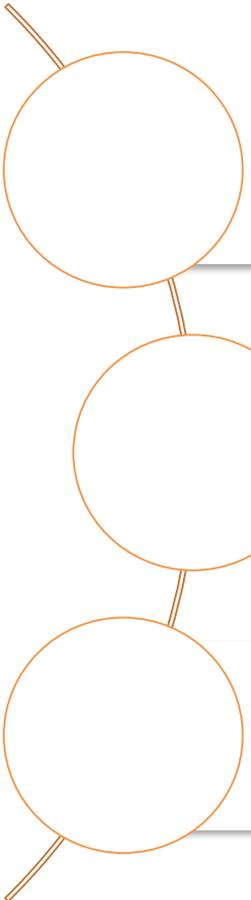
não se trata de uma interdisciplinaridade apenas acadêmica mas igualmente de profissões

o conhecimento básico não é considerado como uma categoria à parte, mas como uma lógica de trabalho que pode ser fecundada ou instruída por outras lógicas

surgem novas disciplinas ou sub-especialidades – por exemplo, física de sólidos

Salto ao presente

deixando de lado II Guerra (think tanks militares), evolução do nuclear, Silicon Valley, genética e propriedade intelectual etc.



Predomina atualmente nos grande campos de pesquisa (impacto da tecnologia, mudança climática, previsão de crises sanitárias e catástrofes ambientais, clonagem humana, transgênicos etc.)

- não se trata apenas de fazer especialistas colaborarem entre si

Não são problemas tecnocientíficos em seu ponto de partida, mas impostos e enquadrados externamente, com temporalidades definidas por exigências políticas e sociais

- Não somente da pesquisa e da inovação tecnológica industrial – são **critérios instáveis**

Problemas concretos levam à aproximação entre ciências duras/exatas e humanas

Requisitos (e também
maiores dificuldades)

Excelência na disciplina de
origem

Cultura de respeito e
valorização dos saberes

Disposição para construir
estratégia comum
(metodologia e linguagem)

Plano da exposição

Introdução: Léxico da integração entre disciplinas
(Pestre et al.)

1. Complexidade e transdisciplinaridade (Morin)
2. Campo acadêmico e capital simbólico
(Bourdieu)

Considerações finais: **práticas** da integração
entre disciplinas (Fourez et al.)

INTRODUÇÃO

LÉXICO DA INTEGRAÇÃO ENTRE

DISCIPLINAS

Expressão	Emprego ordinário na literatura especializada (VENTURA e LINS, 2014)
Disciplina	Domínio relativamente autossuficiente e isolado da experiência humana que possui sua própria comunidade de especialistas (NISSANI, 1995)
Multi ou pluri disciplinaridade	<p>Diversos especialistas trabalham sobre diferentes aspectos de um mesmo problema, com a simples justaposição de dados produzidos em cada disciplina, reunidos e editados por um receptor ou coordenador (ICRA, 2009).</p> <p>Metáfora ideal do cesto de frutas: as disciplinas estão apenas próximas umas das outras; ou, nos melhores casos, a da salada de frutas: há uma associação de sabores, individualmente preservados (NISSANI, 1995)</p>
Inter disciplinaridade	<p>Fecundação recíproca pela transferência de conceitos e métodos de uma disciplina à outra (POMBO, 2004).</p> <p>Metáfora do <i>smoothie</i> [bebida feita com frutos frescos mixados por vezes misturados com sorvete ou iogurte; mas que não é nem suco de frutas, nem <i>milk shake</i>] (NISSANI, 1995). Iniciativa limitada no espaço e no tempo para enfrentamento de um problema de pesquisa específico (REPKO, 2012)</p>
Trans disciplinaridade	<p>Princípio essencial: recusa à abordagem compartimentada que caracteriza a concepção disciplinar tradicional.</p> <p>Reúne saberes para além das disciplinas, ultrapassando as fronteiras de cada uma delas. Implica a produção de conteúdos e métodos novos, a partir do mundo real, explorando numerosas disciplinas sem aderir a elas (ICRA, 2009)</p>

são **possibilidades** não necessariamente **ideais**

PORÉM:
interdisciplinaridade é **diretriz nacional de pesquisa** em numerosos países, inclusive no Brasil

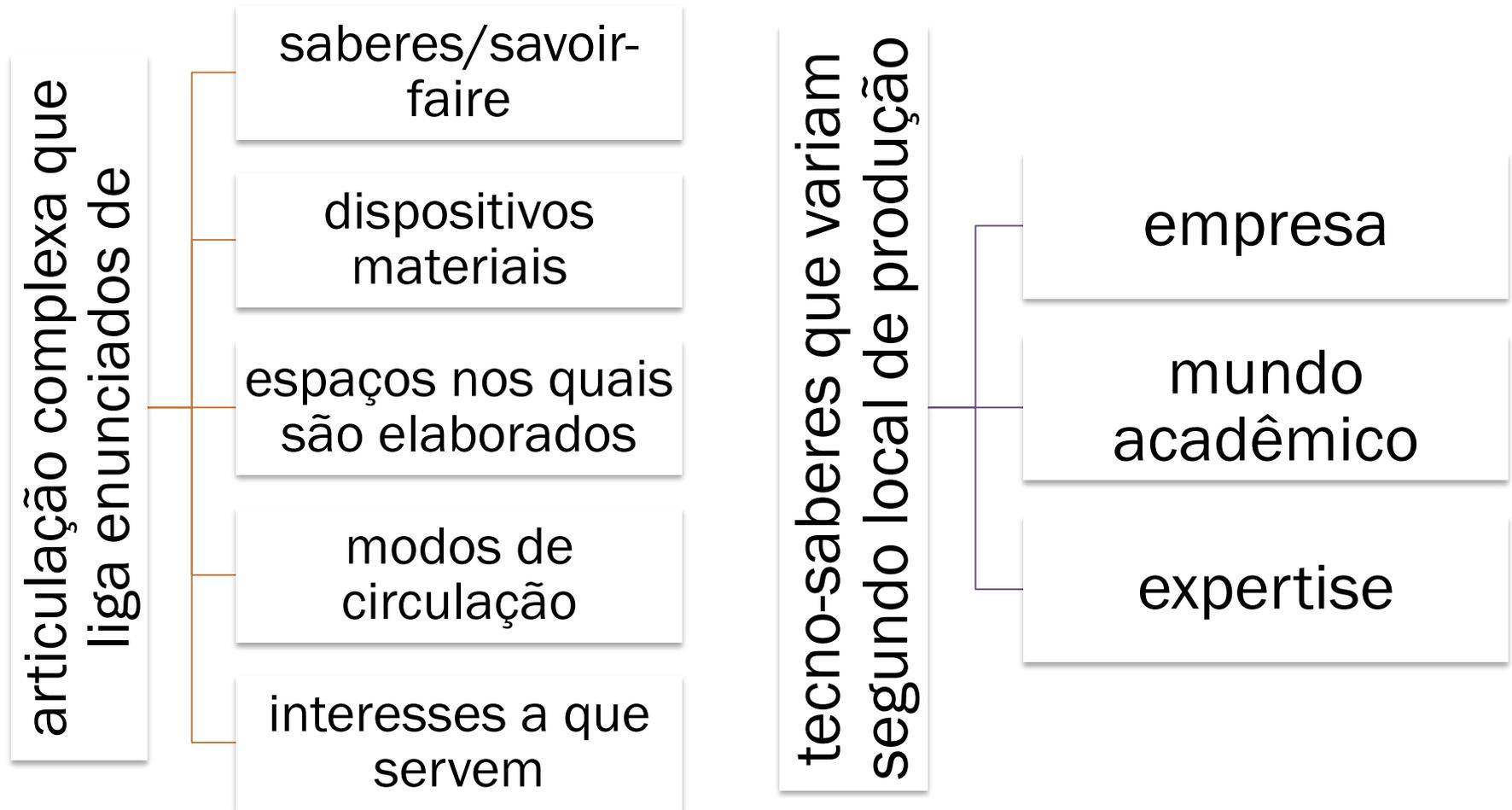
interdisciplinaridade é **critério de avaliação** na quase totalidade dos sistemas de avaliação da educação superior

critério de avaliação de um número significativo de **editais**, o que gera **bricolagens**

Pestre

- disciplinas dão a impressão de que saberes são “**naturalmente**” elaborados por si mesmos
- que não são modelados pelos contextos (sociais, econômicos, institucionais)
- que não são vinculados a interesses e objetivos de diversos tipos

Dinâmicas múltiplas dos saberes



Relação com a própria disciplina



Requisito mínimo: domínio pleno

Quem você é na sua disciplina? diferentes formações, escolas, sub-especialidades – recusa aos estereótipos

Conhecimento da pesquisa de ponta

Conhecimento dos limites de sua própria disciplina, logo capacidade de formular uma crítica dentro da própria disciplina

Especificidade das RI no Brasil



Do ponto de vista da consolidação da área, são debates independentes:

- temas,
- métodos
- e integração entre disciplinas

é possível criar projetos interdisciplinares sobre temas e utilizando métodos ultrapassados ou irrelevantes

assim como é possível produzir saberes relevantes ou inovadores sem necessariamente valer-se da integração entre disciplinas

I – COMPLEXIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE

Resgate da integração entre disciplinas no
campo acadêmico

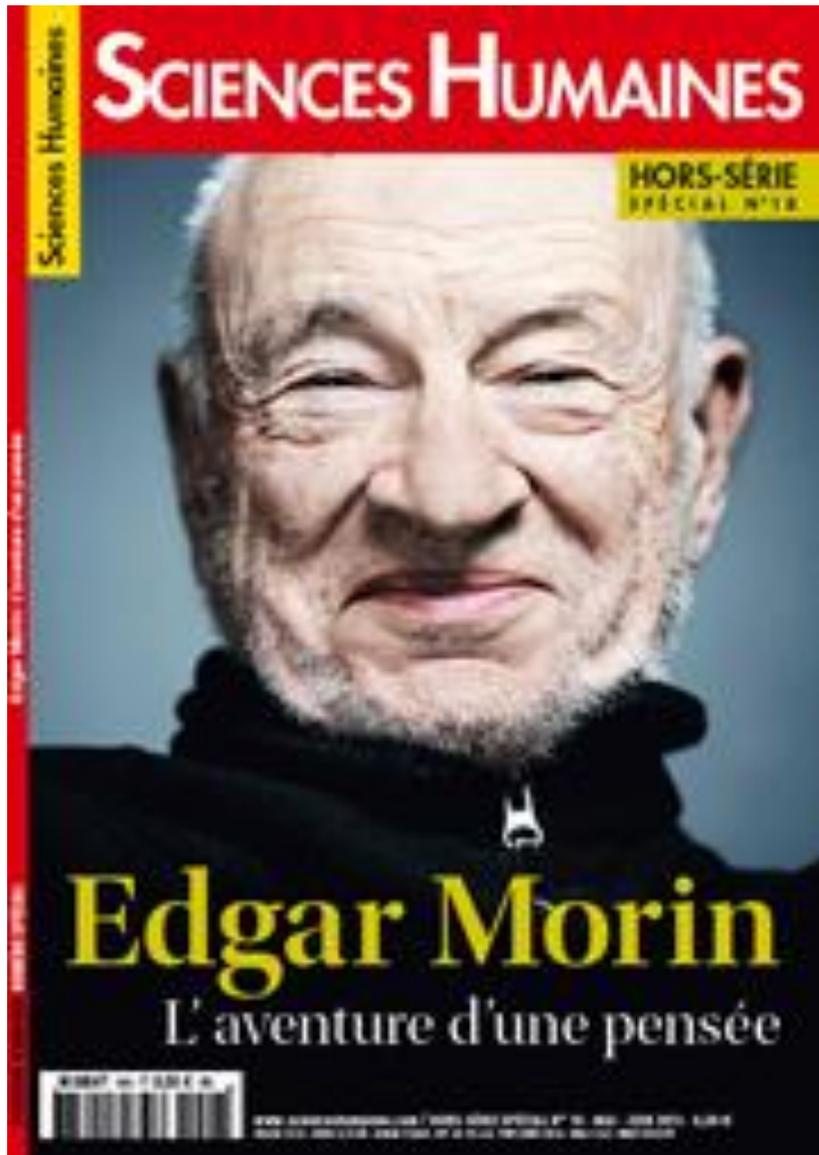


O problema da complexidade: a vasta obra de Edgar Morin

- Educação: mundialmente conhecido por obras como *A cabeça bem-feita*, *Os sete saberes necessários a educação do futuro*, *Religando os saberes*
- **O Método (6 volumes, 1977-2004)**, teórico da complexidade

Pressupostos da complexidade

- Há leis gerais comuns, **transdisciplinares**, que regem os sistemas complexos e fortemente interativos, sejam eles químicos, biológicos, ecológicos, econômicos, sociais, cognitivos ou naturais
- Algumas características são de caráter **holístico**, no sentido de que elas concernem ao conjunto do sistema como uma entidade unitária
- o grau de autonomia depende da estrutura no espaço e no tempo, e da organização lógica do conjunto do sistema implicado



Duas epígrafes caras à Morin

- **Pascal (1623-1662):** considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo; não mais que conhecer o todo sem conhecer as partes
- **Montaigne (1533-1592):** cada homem carrega consigo a forma inteira da condição humana

Donc, toutes choses étant causées et causantes, aidées et aidantes, médiates et immédiates, et toutes s'entretenant par un lien naturel et insensible qui lie les⁶ plus éloignées et les plus différentes, je tiens impossible⁷ de connaître les parties sans⁸ connaître le tout, non plus que de connaître le tout sans connaître particulièrement les parties⁹.



em 1642
inventa a
primeira
máquina de
somar

Montaigne: melhor uma cabeça bem feita do que bem cheia



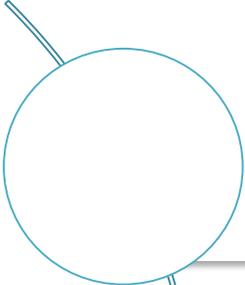
Docência e pesquisa para Morin pressupõem **ruptura dos compartimentos disciplinares** estanques



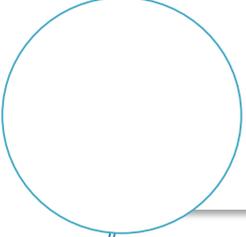
Aptidão geral a propor e tratar os **problemas**



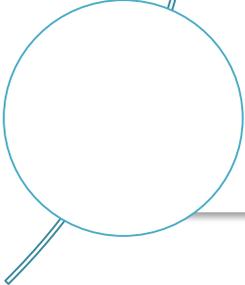
Apreensão de princípios organizadores que permitem **religar os saberes entre si** e dar-lhes sentido



Conhecimento convencional separa os objetos e as disciplinas:
é preciso conceber métodos capazes de reuni-los



É insuficiente inscrever uma coisa ou um evento dentro de
um quadro disciplinar



A partir do momento em que uma teoria recusa toda
refutação, ela se desatualiza

Trata-se de buscar as relações entre o fenômeno e seu contexto, as relações recíprocas todo/partes

como uma mudança local repercute sobre o todo e como uma modificação do todo repercute sobre as partes

Reconhecer a unidade no seio do diverso e o diverso no seio da unidade

Por exemplo, a unidade humana



Missão do docente para Morin

- Fornecer uma **cultura que permita distinguir, globalizar, contextualizar e abordar** os problemas fundamentais
- Preparar os espíritos, de uma parte, para responder aos desafios feitos ao conhecimento humano pela complexidade crescente dos problemas e, de outra parte, enfrentar as incertezas
- Educar para a compreensão dos cidadãos e dos grupos - ensinar o pertencimento à **cidadania planetária**, para além do Estado-Nação – contraste com o provincianismo

Três advertências
“Onde nos metemos?”

1) Mercado educação superior brasileira

Censo 2015: 8.027.297 matrículas (out/2016)

(até 1997, nunca havia passado de 2 mi – hoje 87,5% privadas = 5,3 mi)

- Número de matrículas em RI passa de 8.623 em 2002 (INEP, 2003) para 21.658 em 2012 (INEP, 2013)

Censo 2015 (INEP, 2016)

http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2015/Apresentacao_Censo_Superior_2015.pdf

- Direito, Administração, Pedagogia e Ciências Contábeis reúnem: 32,8% de todas as matrículas feitas na graduação
- Direito 10,6% do total (853.211 alunos matriculados)
- Administração com 9,6% (766.859 de matrículas)
- Em terceiro e quarto lugares aparecem Pedagogia, com 8,2% (655.813), e Ciências Contábeis, com 4,5% (358.452)



2) Mutação - Michel Serres

Num breve intervalo, dos anos 1970 para cá, um **novo ser humano** emergiu

formatado pelas mídias que destroem meticulosamente sua capacidade de prestar a atenção, o indivíduo tem hoje, em média

7 s para assimilar uma imagem

15 s para reagir a estímulos em suportes interativos

Michel Serres

- a radicalidade desta transição pode ser comparada à aurora da *paideia*, quando os gregos aprenderam a escrever e demonstrar; ou à Renascença, que viu nascer a impressão e os livros
- curto-circuito no campo da educação, da esfera familiar até a escola, atingindo igualmente as universidades - estruturalmente atrasadas em relação ao desenvolvimento tecnológico

3) Provincianismo acadêmico

Ulrich Beck (1944-2015)

- Conhecido como autor de *A sociedade de risco* <http://www.editora34.com.br/detalhe.asp?id=567&busca=>
e outras obras como *A sociedade de risco mundial*
http://books.google.com.br/books/about/La_sociedad_del_riesgo_mundial_en_busca.html?id=z5OxdirudJEC&redir_esc=y
- Aqui resgato o livro *O que é o cosmopolitismo?*
http://editions.flammarion.com/albums_detail.cfm?Id=21938

Crítica à ótica nacional das ciências sociais (Beck)

Sociologia,
ciência política,
história, direito e
grande parte da
economia
desenvolveram-
se com o
Estado-Nação

Nacionalismo
metodológico

Erro carcerário
de identidade

Universalizam a experiência histórica da primeira modernidade



Apresentam como lógica do social e do político o que é apenas histórico



Propugnam que apenas um espaço consolidado por barreiras permitiria a consciência de si e a integração social – o Estado-Nação

Da crítica ao nacionalismo metodológico à hegemonia de determinada perspectiva nacional

- Serge Sur – citado no texto de base:

“as RI são consideradas uma **disciplina norte-americana**. A quase totalidade das obras mais citadas no meio internacionalista foi escrita por norte-americanos,

“e **o mais obscuro** entre eles se vê dotar de uma dignidade e de um interesse que são mais fruto da influência americana que de suas qualidades intrínsecas” (2011)

Mas os compartimentos disciplinares não persistem por acaso

- As lutas disciplinares perpassam o debate e as próprias práticas interdisciplinares: neles aparecem “**estéreis rivalidades disciplinares e nefastos** enfrentamentos entre lobbies universitários” (SUR, 2011)

II – CAMPO ACADÊMICO E CAPITAL SIMBÓLICO

Pierre Bourdieu (1930-2002)

- Referência fundamental das ciências sociais, obra vasta e eclética
- Noções de *campo*, *capital* e *habitus*

Noção de campo

- Espaço relativamente autônomo, microcosmo no espaço social global
- Entre outros, estuda o **campo científico ou acadêmico**

Em drágeas, 8 características da noção de campo

1. espaço estruturado e hierarquizado de posições ou postos cujas características são relativamente independentes de seus ocupantes
2. cada campo se define por desafios e interesses específicos – o que motiva um cientista não é o mesmo que motiva um eclesiástico ou um executivo
3. implica a detenção ou a constituição de um **capital próprio**, uma forma específica de capital, fundada sobre atos de conhecimento e de reconhecimento

No caso do campo acadêmico, há o capital científico

- O capital científico é uma espécie particular de capital simbólico que consiste no reconhecimento (ou crédito) concedido pelo conjunto de pares-concorrentes no seio do campo científico
- Publicações em periódicos de impacto, citações, prêmios, indicações para comissões, cátedras, financiamentos, etc.

- Por ex., “é evidente que o capital de Einstein não é de natureza financeira”
- Repousa sobre o reconhecimento de uma competência que, além dos efeitos de reconhecimento, e em parte por meio deles, proporciona autoridade e contribui para definir não apenas as **regras**, mas também as **regularidades** do jogo

Regularidades

- como são distribuídos os benefícios do jogo
- se é importante ou não escrever sobre um tema, se ele é brilhante ou ultrapassado
- em que periódicos vale a pena publicar etc.

Em drágeas, 8 características (cont.)

4. os agentes de um campo são dotados de “habitus”, formas de ser duráveis, matrizes de percepção que predis põem a escolhas
5. a estrutura de um campo é resultado, em dado momento, de uma correlação de forças (*rappoort de force*) entre agentes e instituições que ocupam diferentes posições

Rapport de forces

- um campo não se orienta ao sabor do acaso - há estruturas objetivas e há lutas a respeito destas estruturas
- o êxito está vinculado ao domínio das normas imanentes do campo, das “leis não escritas” que se inscrevem na realidade em estado de tendências

- no campo acadêmico, o sentido de “onde se colocar” (*le sens du placement*): antecipar as tendências, escolher os temas no bom momento, conquistar espaço em determinadas publicações, participar de certos eventos e comitês, relacionar-se com avaliadores etc.

Em drágeas, 8 características (cont.)

6. Espaço dinâmico em que travam lutas para conservar ou subverter a equação de poder: ocupar posições dominantes, estabilizar posições instáveis, **reconhecer ou desqualificar posições à fronteira do campo**
 - por ex., disciplinas como a homeopatia ou a acupuntura foram durante muito tempo mantidas à margem do campo acadêmico médico, e hoje conseguiram se fazer reconhecer

- Mais as pessoas ocupam uma posição favorável, mais elas tendem a conservar tanto a estrutura como sua posição
- Tirania das aparências e das **falsas antinomias**
- Aqueles que possuem habitus adquiridos fora do campo em questão, correm o risco de sentir-se sempre defasados, mal colocados, incômodos e à contra-corrente, com todas as consequências que disto podem decorrer

Em drágeas, 8 características (cont.)

7. Um campo não é um espaço fechado: as fronteiras do campo (por ex., o âmbito de uma disciplina) são alvo de um embate permanente de lutas entre agentes e organizações que o constituem
8. A luta pressupõe um acordo fundamental sobre o interesse em lutar, a “*illusio*”, *viver para o jogo* – movido pelo sonho de desfrutar do poder, seja o político ou temporal (cargos, comitês, etc.), seja o prestígio (reconhecimento)

Conclusão da obra recomendada

- o campo científico deve ser capaz de responder às necessidades reais da sociedade, sendo capaz de identifica-las
- deve combater os falsos problemas, criados por autoridades (de dentro e fora do campo), mídia, etc.

|

CONSIDERAÇÕES FINAIS - PRÁTICAS

Tipologia	Interdisciplinaridade estreita	Interdisciplinaridade larga
Tipos de disciplinas	Paradigmas similares Métodos similares <i>Resultados fáceis de integrar</i>	Paradigmas diferentes Métodos diferentes <i>Resultados difíceis de integrar</i>
Número de disciplinas	Poucas disciplinas implicadas <i>Comunicação simples</i>	Numerosas disciplinas implicadas <i>Comunicação complexa</i>
Local de trabalho da equipe	Membros da equipe trabalhando na mesma organização <i>Comunicação e organização simplificadas</i>	Membros da equipe trabalhando em diferentes organizações <i>Comunicação e organização complexas</i>
Cultura dos membros da equipe	Membros da equipe compartilhando a mesma cultura <i>Comunicação simplificada</i>	Membros da equipe oriundos de culturas distintas <i>Comunicação complexa</i>

Fonte: International Center for development oriented Research in Agriculture – ICRA. *Interdisciplinary Teams - Key Concepts*. ARD Learning Resources Handouts, 2009. Disponível em: http://www.icra-edu.org/objects/anglolearn/Interdisciplinary_Teams-Key_Concepts.pdf.

Construir um enfoque interdisciplinar de pesquisa

1. Problematizar a abordagem	<ul style="list-style-type: none">- Formular o problema perguntando: de quê se trata?- Precisar o projeto: os contextos, as finalidades, os destinatários, o resultado visado
2. Fazer emergir o clichê	Coletar aquilo que vem à mente de modo espontâneo sobre o problema
3. Estabelecer o panorama	<ul style="list-style-type: none">- Elaborar uma grade de análise, por meio de listas de atores, de condicionantes (valores, normas, códigos, modelos, obstáculos), desafios, tensões, controvérsias, escolhas e cenários possíveis- Identificar as caixas pretas a abrir, as disciplinas a mobilizar e os especialistas a consultar- Realizar, se possível, verificações in loco, pela sensibilidade que o contato físico pode desenvolver
4. Definir o enfoque e passar à pesquisa	<ul style="list-style-type: none">- Hierarquizar os dados obtidos- Escolher as caixas pretas que serão abertas
5. Elaborar uma representação complexa	

Construir um enfoque para a aula

- Para que tipo de alunos?
 - Com quais objetivos – para desenvolver, em particular, que competências?
 - Com que representações globais do projeto a realizar, do objeto a tratar, da situação a resolver?
 - De acordo com quais seqüências? Com que articulações entre elas?
 - Com quais conteúdos disciplinares? Quais as interações entre eles?
-
- Com que pessoas e recursos?
 - De acordo com qual programação? Dentro de quais prazos? Investindo quantas horas de curso?
 - Almejando qual eventual produção?
 - Com que modalidades de avaliação?

Grade de auto-avaliação de competências interdisciplinares

Critérios	Indicadores			
Formular e contextualizar a problemática	Eu posso formular com minhas palavras a situação da qual parto, perguntando “de quê se trata” e “o quê terei em conta”.	Eu posso formular claramente, por escrito ou oralmente, as quatro dimensões que determinam a representação interdisciplinar: contextos, destinatários, finalidades, produção visada.	Eu posso esboçar os limites da pesquisa em função das quatro dimensões citadas e assim precisar o projeto.	Eu posso distinguir o projeto teórico (a representação visada) do projeto prático (a ação a conduzir).

Elaborado com base em Gerard Fourez (Dir.), *Approches didactiques de l'interdisciplinarité*, Bruxelles: De Boeck, 2002, p.161-162.

Dominar o método	Eu conheço as etapas da metodologia de construção de um campo interdisciplinar.	Eu posso fazer o inventário das principais representações espontâneas que surgiram na aula graças a uma “tempestade cerebral”.	Eu conheço os parâmetros da grade de análise elaborada quando estabeleci o panorama e sei utiliza-la.	Eu posso identificar as caixas pretas a abrir, as disciplinas a mobilizar e os especialistas a quem consultar em função do problema escolhido.
	Eu posso reajustar o panorama conforme as novas perspectivas surgidas de, por exemplo, uma verificação <i>in loco</i> .	Eu posso fazer uma síntese parcial do panorama.	Eu posso hierarquizar os dados listados, dar prioridades às buscas a conduzir, e então escolher as caixas pretas que vou abrir, de acordo com as finalidades do projeto.	A partir do panorama, eu posso estabelecer um plano de trabalho de pesquisa, tendo em conta o tempo disponível.

Elaborado com base em Gerard Fourez (Dir.), *Approches didactiques de l'interdisciplinarité*, Bruxelles: De Boeck, 2002, p.161-162.

Produzir uma síntese apropriada	Eu posso apresentar, por escrito ou oralmente, uma síntese da pesquisa já realizada.	Eu posso estabelecer correlações entre diferentes pontos de vista disciplinares e/ou dimensões do problema.	Eu posso estabelecer um plano ou um esquema sistêmico, articulando os diferentes pontos da síntese.	Eu posso compreender e fazer compreender todos os enunciados usados na síntese.
Utilizar as disciplinas	Eu posso empregar adequadamente as disciplinas, com vocabulário e linguagem adequados.	Eu compreendo e posso explicitar os conceitos, leis, modelos e saberes próprios às disciplinas usadas.	Eu sou capaz de relacionar as caixas pretas abertas para evidenciar as interações, as tensões e os pontos de vista divergentes.	Eu posso valer-me da precisão das disciplinas quando é útil, mas sem me perder em questões que interessam apenas aos especialistas.

Elaborado com base em Gerard Fourez (Dir.), *Approches didactiques de l'interdisciplinarité*, Bruxelles: De Boeck, 2002, p.161-162.

Consultar fontes e especialistas	Eu posso elaborar um questionário pertinente em função do problema do qual parto.	Eu posso conduzir uma entrevista sem me afastar de meus objetivos.	Eu estou aberto a novas perspectivas que se abram ao longo da entrevista, que possam trazer-me um enfoque diferente do problema de partida.	Eu posso reformular as informações que recolhi num texto coerente, em função do projeto.
	Eu posso tomar uma distância crítica em relação às informações recolhidas.	Eu posso fazer uma coleta de fontes relacionadas ao problema e classificá-las racionalmente.	Eu tomei o cuidado de confrontar diversas fontes ou pontos de vista, sem desconsiderar os interesses representados por cada uma delas.	

Elaborado com base em Gerard Fourez (Dir.), *Approches didactiques de l'interdisciplinarité*, Bruxelles: De Boeck, 2002, p.161-162.

Refletir sobre o aspecto epistemológico	Eu posso precisar as disciplinas de onde provém os diferentes dados.	Eu posso tomar um recuo e analisar a maneira pela qual o trabalho interdisciplinar foi conduzido.	Eu posso estabelecer os limites de “validade” da representação produzida.	Eu posso avaliar a adequação da representação em relação ao problema do qual parti.
	Eu posso diferenciar, na representação o que é descrição, interpretação, argumentação ou escolha de ação.	Eu posso explicar o que significa “negociar uma representação” e eu posso mostrar um ou outro ponto no qual a síntese produzida foi negociada.	Eu testei a representação produzida, confrontando-a com situações precisas e/ou mostrando-a a um outro especialista disciplinar.	

Elaborado com base em Gerard Fourez (Dir.), *Approches didactiques de l'interdisciplinarité*, Bruxelles: De Boeck, 2002, p.161-162.

EM TERRA DE CEGO POUCO IMPORTA SE O REI ESTÁ NU.



© LAERTE